

## ATRATIVIDADE DO MAGISTÉRIO PARA O ENSINO BÁSICO: ESTUDO COM ALUNOS DE CURSOS SUPERIORES

Luciana França **Leme** – FE-USP

Agências Financiadoras: CAPES e FAPESP

Nos últimos anos é notável a crescente preocupação com o perfil de quem escolhe ou é atraído para o magistério no ensino básico nos debates educacionais. A preocupação pode ser explicada como expressão da relevância dada à qualidade na educação e o destaque ao professor como principal responsável pela produção dessa qualidade, mesmo que em alguns casos tenha sua interpretação circunscrita aos resultados das avaliações externas de desempenho de alunos (HANUSHEK, E.; RIVKIN, S.G. 2007; CASSETTARI, 2011). Várias pesquisas que indicam o professor como elemento mais influente para melhoria da qualidade na educação vêm induzindo a ampliação de análises que se voltam às políticas de formação, atração e retenção de professores (HANUSHEK; PACES, 1995; VEGAS, UMANSKY, 2005; OCDE, 2006; MCKINSEY & COMPANY, 2007).

O pressuposto destes últimos estudos é o de que se a docência for uma profissão atrativa para indivíduos qualificados, serão maiores as chances de se ter professores que façam diferença na aprendizagem do aluno.

Se por um lado não pairam dúvidas de que professores são importantes no ensino, por outro, não se tem definido o que é um professor de qualidade. Embora o presente trabalho não tenha como um de seus objetivos definir o que é um bom professor<sup>1</sup>, o que se evidencia em parte da atual literatura internacional sobre políticas de formação docente é que os bons professores, entre outras características, viriam daqueles que tiveram melhores desempenhos escolares (OCDE, 2006; MCKINSEY & COMPANY, 2007).

No presente trabalho, que objetiva apresentar os principais resultados de um estudo de mestrado (principalmente resultados que podem contribuir para a área de formação de professores), a atratividade do magistério não é tratada sob o pressuposto de que devam ser incentivados ao ingresso na carreira docente apenas os alunos com melhores desempenhos escolares, como alternativa para a promoção da qualidade de ensino. Excluir potenciais interessados na carreira docente em função de seu desempenho não parece uma alternativa aceitável, considerando-se os diversos fatores que incidem na escolha e desenvolvimento profissional docente.

O que se buscou explorar no estudo foram fatores que se evidenciam incidir na

---

<sup>1</sup> Esse debate pode ser melhor apreciado no artigo de Raewyn Connell (2010) “O Bom professor e a nova regulamentação”.

atratividade do magistério em uma população pesquisada. Para isso, foram aplicados questionários aos ingressantes (N=512) do ano de 2010, nos cursos de Pedagogia, Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática e Medicina da Universidade de São Paulo. No caso dos alunos da Medicina, o interesse foi o de conhecer seu perfil, se já pensaram em ser professor do ensino básico e suas opiniões sobre essa carreira.

É importante relatar que, no Brasil, o desenvolvimento de um estudo sobre atratividade do magistério faz-se necessário pelo reconhecimento da emergência do tema no país, justificada por dados que indicam a carência de jovens que escolhem a profissão (GATTI et al., 2009), o desvio ocupacional de licenciados (em especial nas áreas chamadas exatas) e projeções que indicam que o número de licenciandos não contemplará a demanda por professores nos próximos dez anos, notadamente nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio (RISTOFF, 2008; BRASIL, 2007).

Ainda, recentes estudos brasileiros trazem à baila a preocupação com o perfil de quem ingressa nos cursos de formação de professores ou na carreira docente. Um exemplo está em **“Quem quer ser professor? Atratividade, seleção e formação docente”** (LOUZANO et al., 2010). Por meio de análise baseada principalmente nos dados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) os autores concluíram que o Brasil “atrai indivíduos com baixo rendimento acadêmico e com perfil socioeconômico mais baixo para programas de formação de professores”. Os resultados do estudo reiteram o que já vem sendo anunciado por outras pesquisas, algumas de longa data, acerca do perfil de alunos nos cursos de professores ou do perfil de docentes de redes públicas de ensino.<sup>2</sup>

A carreira profissional docente, embora evidenciada como pouco “desejada”<sup>3</sup>, parece atrair pessoas com dificuldades em acessar profissões que demandam altos custos de formação, ou seja, aquelas cujos cursos superiores têm mensalidades caras, que são em período integral (impossibilitando as pessoas de trabalharem), elevados gastos com materiais didáticos específicos ou que o ingresso exige alto desempenho em exame vestibular. Esse apontamento poderia fazer supor que a decisão por um curso de graduação seria feita na ponta do lápis. Em outras palavras, que a escolha por um curso superior levaria em conta as possibilidades de acesso e os retornos financeiros; que seria uma escolha clara e precisa para quem a faz. Porém, até que ponto os gostos influenciam essa escolha? Ela seria limitada às

---

<sup>2</sup> Os maiores exemplos são os estudos clássicos de Aparecida Joly Gouveia (1965), **Professoras de amanhã** e de Luiz Pereira (1969), **Magistério primário na sociedade de classe**.

<sup>3</sup> A palavra “desejo” não deve estar relacionada com o sentido psicanalítico.

condições socioeconômicas e ao *background* escolar dos sujeitos? Um aluno com alto desempenho escolar e boas condições socioeconômicas já pensou em ser professor, mas por saber que conseguiria ingressar em carreira mais rentável desistiu dessa opção? Ou, o que influenciou para a não escolha? Esses questionamentos parecem ser importantes para a atratividade da carreira profissional docente e impõem alguns desafios em termos teóricos para estudo do tema.

As produções científicas sobre atratividade docente, ancoradas em abordagens da economia do trabalho, propõem que quando as pessoas estão se decidindo por ser ou não professores levam em conta os custos de oportunidade dessa profissão. Ou seja, quanto mais rentável é uma carreira (principalmente em termos de salário e renda) e quanto mais fácil é seu ingresso, maiores as chances de ela ser atrativa para quem está tomando a decisão por ingressar nela ou não (HANUSHEK; PACES, 1995; GUARINO; SANTIBAÑEZ; DALEY, 2006). Talvez a maior contribuição dessas abordagens sejam as ferramentas metodológicas utilizadas por estudos dessa linha que conseguem comparar a atratividade das profissões (principalmente em termos salariais) e ao longo do tempo<sup>4</sup>. Porém, as decisões que envolvem a escolha por uma carreira profissional são mais complexas, sendo isso reconhecido pela própria literatura da economia do trabalho (MORDUCHOWICZ, 2009). As ancoragens teóricas da economia do trabalho não conseguem se aprofundar nos fatores mais subjetivos da escolha, restringindo, por isso, os estudos muitas vezes ao salário e renda. Como exposto por Gertel, De Santis e Cristina (2002, p. 16 – tradução nossa), em pesquisa sobre quem quer ser professor na Argentina, sustentada nas teorias de mercado de trabalho docente,

é importante notar que na América Latina, em geral, e na Argentina em particular, há falta de informação sobre os aspectos qualitativos da profissão docente que afetaria a escolha dos alunos. Esta situação impõe claramente um limite definido em estudos sobre escolha de cursos de licenciatura.

Por outro lado, a literatura sobre escolha profissional do ponto de vista da sociologia proporciona um leque mais variado de explicações sobre como ocorrem as escolhas de cursos superiores, colocando à tona as dificuldades de compreender como são tomadas as decisões por uma profissão. Isso foi evidenciado por Claudio Nogueira (2004, p. 9) ao expor que “a compreensão do processo de escolha do curso superior constitui um desafio para a sociologia

---

<sup>4</sup> Exemplo de estudo nessa linha está na dissertação de MORICONI, G. M. **Os Professores públicos são mal remunerados nas escolas brasileiras?** Uma análise da atratividade da carreira do magistério sob o aspecto da remuneração. Dissertação de mestrado - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2008.

da educação. A complexidade desse processo impede qualquer explicação unilateral”. Para o autor:

Tem-se aqui, então, uma contraposição clássica da sociologia. Por um lado, as teorias que acentuam o caráter racional da ação individual, a capacidade dos atores de avaliarem os custos e benefícios de cada alternativa de ação e de escolherem, com certo grau de consciência, aquela que melhor atende aos seus interesses. Por outro, as perspectivas que enfatizam o peso dos processos de socialização dos indivíduos num determinado meio social, o fato de que a própria subjetividade dos indivíduos, o modo como eles percebem e apreciam a realidade são socialmente constituídos (NOGUEIRA, 2004, p. 17)

Considerando, entretanto, que as explicações acerca da opção por uma carreira sob a ótica do mercado de trabalho docente podem trazer pistas interessantes sobre a (não) escolha do magistério - embora tenha limites; e que as escolhas profissionais analisadas sob a ótica da sociologia trazem pistas substanciais, parece relevante e necessário considerar as explicações teóricas provenientes tanto da teoria do mercado de trabalho quanto da sociologia em estudos sobre atratividade do magistério. Ambas as áreas possuem arcabouços teóricos diferenciados, cada qual tendo seus limites e potencialidades, oferecendo respostas para questões específicas.

### ***Metologia***

As resoluções metodológicas para coleta e tratamento dos dados estiveram norteadas pelo caráter exploratório do estudo, que visa proporcionar aproximação ou familiarização com a temática da atratividade do magistério para o ensino básico, ainda pouco estudada no Brasil. Nesse sentido, o estudo “tem por objetivo aumentar a compreensão de um fenômeno ainda pouco conhecido, ou de um problema de pesquisa ainda não perfeitamente delineado”, conforme a definição de “estudo exploratório” oferecida por Fábio Apolinário (2004, p. 87-88).

Justifica-se a população escolhida, respondente do questionário do estudo, por algumas razões. Os alunos ingressantes em cursos de “exatas” (Licenciatura em Física e Matemática da USP) por ingressarem nas licenciaturas que apresentam maior desvio ocupacional no Brasil. Já a escolha de alunos da Pedagogia traz elementos da atratividade do magistério na educação infantil e primeiros anos do ensino básico, que, embora não apresente elevados níveis de desvio ocupacional como nas outras licenciaturas, também se destaca como pouco atraente para os jovens. Por sua vez, os ingressantes na Medicina da USP são alunos com alto desempenho escolar e estão nas camadas mais altas dos níveis socioeconômicos.

Eles já teriam pensado em ser professor do ensino básico? Em tempo, é importante informar que poucas produções científicas abordam a não escolha pela carreira docente, ausência reconhecida pelos poucos artigos científicos que abordam o assunto (BERRY, 1986).

Uma vez conhecida a relevância da área da economia do trabalho, bem como da área da sociologia em estudos sobre atratividade docente, para elaboração do questionário foram listadas variáveis que se mostravam influentes na atratividade do magistério, conforme estudos tipo *surveys* consultados. Foram incluídos itens no questionário que buscaram apreender as “bagagens” cultural e escolar dos sujeitos, itens sobre a escolha do curso e sobre (não) querer ser professor. Além destes, fatores da (não) atratividade da carreira docente do ponto de vista dos estudos sobre mercado de trabalho, ou seja, estar trabalhando ou não, ter como ser sustentado ou se sustentar durante a vida acadêmica, ter ou não filhos, morar sozinho ou em família, entre outros, que poderiam dar informações que ajudassem a compreender a atratividade das carreiras para esses ingressantes em termos de custos de oportunidade.

No total, 512 ingressantes responderam o questionário aplicado nos dias da matrícula na USP, sendo que a Tabela 1 mostra a quantidade de respondentes em cada curso:

**Tabela 1 – Número total de respondentes do estudo**

Carreiras	Vagas oferecidas nas carreiras	Presentes nos dias da matrícula	Convocados presentes em relação ao total de vagas	Questionários respondidos	Porcentagem de questionários respondidos em relação aos presentes no dia da matrícula
Licenciatura em Matemática	150	136	91%	136	100%
Licenciatura em Física	110	84	76%	83	98,80%
Pedagogia	180	139	77%	130	93,50%
Medicina – USP	175	170	97%	163	95,88%
<b>Total</b>	615	529	86%	512	96,78%

Buscando conhecer fatores incidentes na atratividade do magistério para o ensino básico na população do estudo, procedeu-se a uma descrição do perfil dos alunos da Pedagogia e das Licenciaturas em Física e Matemática, bem como das razões por eles mencionadas para a escolha do curso. As descrições permitiram apreender variáveis e fatores que se evidenciaram mais incidentes na opção pelo magistério. Tratamentos estatísticos - análise de contingência, análise fatorial e de correspondência múltipla e análise Bayesiana - foram aplicados aos dados na tentativa de verificar se estatisticamente essas variáveis ou fatores influenciavam na escolha pela carreira. A análise fatorial também colaborou para

confirmar agrupamentos de variáveis explicativas em fatores.

***Síntese do perfil dos ingressantes que (não) optam pelo magistério do ensino básico e suas razões para a (não) escolha profissional docente***

Apreenderam-se diferenças nas razões de escolha pela licenciatura, cujos resultados indicaram que os alunos da Pedagogia tendem a se interessar mais pela carreira do que os outros licenciandos. Entre as quatro razões mais pontuadas pelos alunos da Física e Matemática estavam razões pouco ligadas à carreira docente (o gosto pela área de exatas, possibilidade de ingresso na pós-graduação e gratuidade do curso). No caso dos licenciandos da Física, o gosto pela área pareceu ter se constituído no seio familiar, visto que 30% de seus pais tinham ocupações ligadas à indústria e construção civil (funileiros, operadores de empilhadeira, torneiros, eletricitistas), índice bem acima do que nos outros cursos. Já na Pedagogia, as razões mais valoradas pelos ingressantes para optarem pelo curso estiveram relacionadas a características da própria carreira docente, sendo as três mais pontuadas: gosto pela área de educação, gosto por crianças e engajamento social.

Chamaram atenção os resultados que mostraram ser alto o desinteresse dos alunos pela profissão docente, mesmo no curso de Pedagogia onde os respondentes estavam mais inclinados ao magistério. Na Pedagogia 30% disse não querer ser professor, na Licenciatura em Física 52% e na Licenciatura em Matemática 48%.

Para oferecer um “retrato” geral dos resultados obtidos pelo estudo, consideraram-se as categorias associadas após tratamento estatístico dos dados, assim como a probabilidades maiores de querer ser professor. Assim, o perfil delineado daqueles que almejam o magistério na população pesquisada é o seguinte: mulher, com idade entre 17 e 19 anos, ingressante do período diurno, que tem noção do valor salarial mensal de um professor do ensino básico da rede pública em início de carreira e jornada de 40 horas semanais. Sobre a noção do valor salarial, isso pode evidenciar que salário é um fator bastante considerado na opção pelo magistério. Ainda, justificam a escolha do curso de Pedagogia ou Licenciatura em Física e Matemática por fatores de escolha relativos à carreira docente. Além disso, os fatores destacados como mais importantes para querer lecionar são: o gosto por lecionar e admiração pela profissão e pelos professores.

As razões mais apontadas e que receberam maior peso pelos ingressantes para não querer ser professor foram: o interesse em seguir carreira acadêmica (ingresso na pós-

graduação) e interesse em outras áreas profissionais.

Por sua vez, as razões mais assinaladas pelos ingressantes da Medicina para não seguirem a carreira docente foram as relativas à carreira docente em detrimento das razões pessoais. Eles ainda deram elevada importância ao magistério do ensino básico, considerando que o mesmo deveria ser mais valorizado pela sociedade e pelo Estado, sendo o aumento do salário dos professores uma forma de dar essa valorização. Ainda, acham que o trabalho docente é bastante difícil por conta das atuais condições estruturais da escola, vistas como ruins, bem como pelos desafios impostos por crianças e jovens, que, em suas opiniões, costumam não respeitar os professores.

### ***Discussão de alguns resultados e cotejamentos com as produções científicas consultadas***

Os fatores evidenciados como mais influentes na atratividade do magistério na população pesquisada foram muito semelhantes a resultados das produções científicas consultadas, embora extraídos de uma população específica. Os resultados trouxeram à tona temáticas como a feminização do magistério. Mas, por conta dos limites deste trabalho, escolheram-se algumas focadas na formação e profissionalização docente para serem destacadas.

Primeiro, discutir atratividade dos cursos de licenciaturas e conhecer quem neles ingressa (e não necessariamente quer ser professor) oferece subsídios para análise dos cursos. Sobre isso, os resultados obtidos na comparação entre o perfil e o desempenho no vestibular dos alunos das Licenciaturas em Pedagogia e em Física/Matemática e dos ingressantes de outros cursos da USP tendem a corroborar que a maioria dos estudantes atraídos para os cursos de formação de professores tem menor renda familiar e superam a escolaridade dos pais ao ingressarem em um curso superior. Nas licenciaturas costuma ingressar maior quantidade de alunos mais velhos e trabalhadores. Os alunos das licenciaturas normalmente apresentam pior desempenho em exames.

Todas essas “desvantagens sociais” dos licenciandos parecem ter refletido no desempenho no vestibular, que foi pior não somente em relação aos calouros da Medicina, como em relação a todos os demais cursos da USP. Ainda, tais desvantagens, provavelmente, devem ter sido consideradas pelos licenciandos quando optaram pelo curso, excluindo outros, que talvez fossem por eles mais desejados, mas cujo ingresso e permanência lhes parecessem inviáveis.

Sobre o desempenho escolar dos ingressantes, o menor acerto de itens no exame do vestibular de ingresso dos alunos na Pedagogia e Licenciatura em Física/Matemática, comparando-se com os demais cursos da USP, assemelha-se aos resultados do anteriormente mencionado estudo de Louzano et al. (2010). Ainda, as produções estrangeiras examinadas fornecem evidências que, também em vários países ingressam na carreira profissional docente pessoas com pior desempenho escolar (BOOK et al., 1984; BERRY, 1986; HANUSHEK, 1995; OCDE, 2006; GUARINO, SALTINBAÑEZ, DALEY, 2006). Com isso, podem ser feitas duas breves reflexões que merecem maior atenção de estudos sobre a temática: que aluno espera-se atrair para os cursos de formação de professores; e qual o papel dos cursos de formação de professores diante dos alunos “reais” que ingressam em seus cursos.

A primeira reflexão diz respeito às possibilidades de tratamentos da atratividade do magistério para o ensino básico. Verificou-se que nos Estados Unidos vem se fortalecendo uma linha de estudos que defende que se devam atrair os estudantes com melhores desempenhos nas avaliações escolares e externas, renovando assim o perfil dos atuais professores (HANUSHEK; PACES, 1995). Há expectativas no país de que o ingresso de alunos com esse perfil melhore a educação pública estadunidense. Nesse sentido, o tratamento dado à atratividade da docência para o ensino básico, ao que tudo indica, vem sendo feito pelo princípio meritocrático. Essa linha de estudo parece estar se refletindo em vários países, reverberada pelos relatórios da OCDE (2006) e McKinsey & Company (2007).

Mas, atrair alunos com os melhores desempenhos em exames para os cursos de formação de professores ou para a carreira docente garantiria bons professores nas escolas de ensino básico?

Independente de quem chega às licenciaturas, deve ser oferecida boa formação para o conhecimento das especificidades do trabalho docente, bem como boa preparação para o desenvolvimento do mesmo na escola, sendo essa uma responsabilidade, a princípio, dos cursos de formação de professores. Desta maneira, a segunda reflexão se refere ao papel desses cursos diante dos alunos “reais” que neles ingressam.

Em estudo sobre ex-alunos dos Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam) – centros notoriamente conhecidos por terem sido bastante completos, abrangentes e fundamentados<sup>5</sup> – Lopes (2000) já atentava para esse debate ao levantar o

---

<sup>5</sup> As condições dadas pelo curso para que ele possa ser considerado completo, abrangente e fundamentado são as seguintes: ensino integral com 44 horas semanais compostas de horas-aula, horas atividade e horas de trabalho pedagógico, com bolsas de trabalho e monitoria – o que tornava o projeto economicamente mais atrativo que muitas outras profissões para alunos recém saídos da 8ª. série do antigo 1º. grau - e professores com carga horária extra para reuniões, avaliações, cursos de reciclagem, entre outros).



seguinte problema:

O magistério é um mercado de trabalho para a classe social que não possui ingressos para o mundo da cultura e isso é uma limitação bastante séria, pois, se educar é conduzir a patamares cada vez mais elevados do conhecimento e compreensão do mundo, como o professor desconhecedor poderia realizar essa tarefa? Essa limitação nos condena, de saída, ao fracasso? Ou é possível avançar e superar essa limitação, se a formação inicial se ocupar dessa lacuna? (LOPES, 2000, p. 99)

Lopes traz indícios de que a formação oferecida pelos Cefam colaborava para superar a limitação dos sujeitos que ingressaram nos cursos. Para Lopes tanto faz quem chegava a esse programa de formação porque

Ainda que os ingressantes tenham interesses vários, pouco importa para a carreira do magistério saber por que chegam esses alunos ao Cefam: se por terem escolhido ser professores (como a maioria alega nesse estudo), ou se porque o projeto reúne condições imediatas interessantes ou ainda, perspectivas para o futuro, uma vez que é um curso profissionalizante. Interessa, ou deveria interessar, que eles cheguem e que ao longo de quatro anos se façam professores (LOPES, 2000, p. 99).

Para suprir os alunos de suas necessidades de ensino e, como bem apontado por Lopes, “se façam professores”, os cursos precisam de informações sobre seus licenciandos, ou seja, precisam identificar quem é e o que sabem os alunos que para ele são atraídos. O que necessitam para serem bem formados? Exames de lápis e papel, que medem competências e habilidades normalmente de português (leitura e compreensão de texto) e matemática dão conta de discriminar o que sabem e o que ainda não sabem os estudantes que chegam aos cursos de formação de professores?

Nesse caso, informações sobre o desempenho dos alunos coletadas de diferentes formas e não somente por meio de avaliações externas focadas somente em determinadas habilidades podem colaborar para conhecê-los efetivamente. Isso é exemplificado por algumas pesquisas (BOOK et al., 1984; HAWK, 1999; GUARINO, SALTIBAÑEZ, DALEY, 2006) que relatam resultados de avaliações internas, realizadas pelas instituições formadoras. Esses resultados evidenciaram que nem sempre o desempenho de alunos dos cursos de formação para professores é pior do que de outros cursos. Nas avaliações internas, referidas nas pesquisas, foi averiguado que o desempenho dos alunos variava significativamente conforme a área de conhecimento avaliada. Em algumas delas, os alunos da educação tinham melhor desempenho que os alunos que iriam seguir outras carreiras profissionais (HAWK, 1999).

Outro dado que chamou atenção no estudo diz respeito às justificativas dos ingressantes de Medicina para não serem professores e as razões mais assinaladas pelos estudantes das licenciaturas (Física, Matemática e Pedagogia) que estavam em dúvidas quanto seguir essa carreira profissional.

Dos respondentes das licenciaturas que alegaram ainda não ter se decidido sobre ser professor do ensino básico ou que disseram que “seriam sob algumas condições”, ter liberdade e autonomia no trabalho docente seria a principal razão pela qual eles optariam pela docência (este item apresentou pontuações bastante elevadas).

Esses alunos parecem reconhecer uma das principais questões relativas à profissão docente das últimas décadas: sua crise de identidade que, conforme Fernandes Enguita (1991, p. 41), “se tem visto refletida numa patente situação de mal estar e, mais recentemente, em agudos conflitos em torno de seu estatuto social e ocupacional [...]”. Ele destaca a luta desse grupo para manter sua autonomia no processo de trabalho ao considerar que uma das características para definir uma profissão é sua independência. Em outras palavras, para que dada profissão de fato se constitua, seus profissionais devem ser autônomos, tanto em relação a seus empregadores quanto a seus clientes. Para Fernandes Enguita (1991, p. 48), “os docentes têm perdido progressivamente a capacidade de decidir qual será o resultado de seu trabalho, pois este já lhe chega previamente estabelecido em forma de disciplinas, horários programas, normas de avaliação, etc”.

Do ponto de vista da legislação e do papel do Estado, a autonomia do trabalho docente ganhou força a partir dos anos 1980 e 1990, quando o Estado brasileiro assumiu um papel menos controlador nos sistemas de ensino. Vicentini e Lugli (2009) ilustram esse caráter ao relatar que a exigência do diploma superior para atuação na docência, a partir da LDBN 9394 de 1996, reflete a aposta de uma formação de qualidade. Contudo, as autoras também se referem ao processo de “desprofissionalização” da categoria uma vez que a possibilidade de autonomia veio acompanhada de iniciativas de padronização do trabalho do professor, como, por exemplo, sistemas didáticos fechados, que devem ser seguidos em sala de aula. Sendo assim, o professor não tem a autonomia de decisão sobre seu trabalho, “enfraquecendo” essa categoria profissional e, portanto, gerando um processo desprofissionalizante.

É muito provável que a imagem de profissão que vem se desprofissionalizando esteja influenciando na atratividade do magistério.

A questão das mudanças no trabalho docente que, sem dúvida, reverbera na imagem atual da profissão, também resvala nos estudantes do curso de Medicina. Tal imagem parece

contribuir nos resultados sobre as razões de não ser professor no ensino básico. As razões mais assinaladas pelos futuros médicos para não ser docente estão ligadas à imagem da profissão e do trabalho (parece difícil ser professor nas atuais condições da escola e a profissão tem pouco prestígio) e da carreira docente (são baixos os salários dos professores).

Book et al. (1984) verificou que as principais razões apontadas para que alunos no final do curso superior (*college*) não optassem pela carreira docente estavam associadas principalmente à própria carreira docente, tal como salários inadequados e oportunidades de avanço profissional limitadas, percepção que ensinar é monótono e chato e que ensinar promove pouca satisfação e poucos desafios.

Razões similares foram descritas por Berry (1986) ao entrevistar alunos de cursos superiores (química, matemática, física, engenharia, ciências sociais e biologia), considerados “brilhantes” (com melhores desempenhos escolares), de diversas universidades nos Estados Unidos. Todos tinham alcançado alta pontuação em avaliações externas como o *SAT*<sup>6</sup>. De acordo com ele, esses estudantes buscam profissões que têm menos situações burocráticas e que não exigem trabalhar com diferentes pessoas. Consideram a escola um lugar chato e, principalmente, avaliam que trabalhar na escola pública não os permitiria “pensar, analisar e ser criativo”. Isso levou Berry (1986, p. 278 - tradução nossa) a criticar as políticas adotadas que visavam estimular esses alunos a seguirem o magistério, tais como incentivos financeiros e pagamento por mérito.

As entrevistas com esses estudantes universitários, especialmente os mais brilhantes sugerem fortemente que apenas o aumento de recompensas financeiras (mesmo que limitado) e oportunidades de progressão para o professor terão pouco efeito em atrair e reter indivíduos talentosos no ensino.

Em outras palavras, Berry credita um importante peso a esses aspectos relacionados às percepções do trabalho docente, até mesmo da imagem que se tem do professor, em detrimento apenas de recompensas financeiras e objetivas. Permitir que o professor controle as condições de seu trabalho poderia dar a ele a devida flexibilidade para tomar suas próprias decisões pedagógicas que atendam a demanda de seus alunos e, desse modo, tornariam a profissão mais desafiante e estimulante.

Nos anos 2000, o relatório OCDE (2006, p. 83) compilou informações sobre a imagem dos docentes do ensino básico e razões alegadas pelas pessoas para não querer ser professor. A

---

<sup>6</sup> O *Scholastic Aptitude Test* ou *Scholastic Assessment Test* (*SAT*) é um exame padronizado feito nos Estados Unidos, aplicados para alunos no *high school* e pode servir como critério para admissão em universidades norte americanas.

OCDE constatou que o professor é visto com status relativamente alto, e as pessoas atribuem grande confiança ao seu trabalho. Por outro lado, constata-se que nesses países “as notícias divulgadas pelos meios de comunicação sobre as escolas frequentemente focalizam aspectos negativos, como o mau comportamento e atitudes violentas de estudantes [...]”, o que para o relatório é algo ruim para a atratividade do magistério.

Entre os ingressantes do curso de Medicina, nas respostas escritas sobre o que achavam do magistério para o ensino básico, as palavras mais usadas pelos alunos foram “importância” e “pouco valorizada”, vocábulos quase antônimos. Isso pode significar que a imagem docente para esses ingressantes é contraditória, quer dizer, ao mesmo tempo em que é uma das mais importantes socialmente (se não a mais), o que deveria lhe dar status e privilégios, é também uma das mais desvalorizadas.

Contradição semelhante foi apreendida nas falas dos jovens do ensino médio no estudo de Gatti et al. sobre atratividade da carreira profissional docente no Brasil (2009, p. 65). De acordo com o relatório, o sentido dado à imagem da profissão pelos entrevistados permite duas perspectivas de análise:

Ao mesmo tempo em que conferem à docência um lugar de relevância na formação do aluno e que o professor é reconhecido pela sua função social, retratam que se trata de uma profissão desvalorizada (social e financeiramente) e o professor é desrespeitado pelos alunos, pela sociedade e pelo governo.

Os alunos do ensino médio entrevistados retrataram o trabalho do professor como “nobre, permeado de sentimentos de prazer e satisfação”, porém, pesado, frustrante e que exige paciência. De acordo com o relatório (GATTI et al., 2009, p. 65), é a própria sociedade brasileira que passa uma imagem contraditória da profissão: “ao mesmo tempo em que ela é louvável, o professor é desvalorizado social e profissionalmente e, muitas vezes, culpabilizado pelo fracasso do sistema escolar”.

### ***Algumas reflexões finais proporcionadas pelo estudo***

Os resultados destacados, embora se refiram ao estudo circunscrito a uma população da Universidade de São Paulo, apresentam similitudes aos das pesquisas consultadas. Isso permite fazer alguns apontamentos que podem auxiliar na avaliação e elaboração de políticas que busquem incidir positivamente na atratividade desta carreira.

Sem dúvida, é complexo tratar da questão da atratividade do magistério, por conta dos vários elementos que envolvem a sua “escolha”. São elementos de natureza objetiva (como

salário, incluindo as possíveis vantagens e desvantagens em relação a outras profissões), elementos subjetivos (como gosto) e, ainda, elementos da própria profissão (como sua imagem).

Parece razoável que ao se pensar em políticas que busquem melhorar a atração pela carreira reconheçam-se seus limites de efeito, caso pretendam incidir sobre fatores isolados. Talvez políticas que tratem dos fatores que influenciam a atratividade do magistério como uma “trama”, ou seja, de forma articulada, causem mais efeitos. Seria necessário também considerar as especificidades do mercado de trabalho docente, que tem o Estado como maior empregador. Diante da “trama” de fatores, como este Estado poderia atuar para tornar a profissão mais atrativa, estimulando egressos de cursos de licenciatura a optarem pela carreira docente?

Obviamente, dado que no estudo desenvolvido salário foi reiterado como um fator importante na explicação da atratividade, parece que aumentá-lo é uma medida indispensável e necessária e que, em curto prazo, certamente tornará a profissão mais almejada. Além da discussão sobre salário, parece também necessário dar atenção para outros fatores, dentre os quais aqueles ligados à própria natureza do trabalho docente, bem como aos próprios saberes docentes. Quem quer ser professor justifica sua escolha por admirar ex-professores e por querer atuar como tal. Quem não quer, também justifica pela dificuldade em desenvolver atualmente o trabalho docente.

Talvez seja preciso melhor explorar fatores referentes ao trabalho docente, afinal este trabalho tem suas especificidades, pois, de acordo com Tardif e Lessard (2005) se compreende que o mesmo é “[...] uma forma particular do trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu “objeto” de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no mundo fundamental da interação humana” (p. 8). Mais: seria importante melhor explorar fatores referentes à imagem atual da profissão, que é contraditória; bem como a necessidade de fortalecimento da formação de professores. Iniciativas no âmbito das políticas educacionais que se voltem à valorização da imagem social da profissão (iniciando pela formação profissional) parecem necessárias, podendo mobilizar jovens a almejem ser professor. Ainda, nessa perspectiva, há que se destacar a importância de ações direcionadas aos próprios docentes que expressem um reconhecimento por parte do Estado e da sociedade de sua autoridade profissional em seu campo de atuação.

Os resultados do estudo indicam que o fortalecimento do professor como “O Profissional” da educação, reconhecido como aquele que detém repertório de conhecimentos

e habilidades para o ensino, possivelmente reverberaria em uma imagem mais positiva da profissão. Isso incidiria no aumento da atratividade do magistério. Esse é um grande desafio, afinal, a profissão parece tender a se desprofissionalizar diante de iniciativas de flexibilização de critérios de seleção docente e da atribuição de múltiplas funções e responsabilidades que extrapolam a função docente.

Defende-se, por fim, que a carreira profissional docente precisa ser atrativa para quem quer que seja, não apenas àqueles considerados “melhores”. Condições devem ser viabilizadas para que os alunos que cheguem aos cursos de magistério saiam dele com formação adequada para exercer a profissão. Porém, eles têm que chegar aos cursos e ingressar na carreira, sob pena de faltarem professores. Isso traz à tona a importância de se dar continuidade a pesquisas que explorem temas envolvidos com a carreira do magistério para o ensino básico, que possam iluminar a formulação e implementação de políticas de atração, formação e retenção de professores.

## REFERÊNCIAS

APOLINARIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

BERRY, B. Why bright college students won't teach. **Urban review**. v. 18, n.4, p. 269-280, 1986.

BOOK, C. et al. Comparing academic backgrounds and career aspirations of education and non-education majors. **Research and evaluation in teacher education**: Program Evaluation Series, n. 2. East Lansing: Michigan, State University, 1984

BRASIL. **Escassez de professores no ensino médio**: propostas estruturais e emergenciais. Relatório produzido pela Comissão Especial instituída para estudar medidas que visem superar o déficit docente no Ensino Médio (CNE/CEB), maio 2007.

CASSETTARI, N. **Remuneração variável para professores**: revisão de literatura e desdobramentos no Estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação da USP, 2011.

CONNELL, R. O Bom professor e a nova regulamentação. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v 36, n. especial, p. 163-182, 2010.

FERNANDES ENGUITA, M. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria & educação**. Porto Alegre, n. 4, p. 41-60, 1991.

GATTI, B. A. et al. **Atratividade da carreira docente no Brasil**. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2009.

GERTEL, H. R.; DE SANTIS, M.; CRISTINA, A.D. Who chooses to become a teacher in Argentina? **XXXVII Reunión Anual de la AAEP**, Tucumán, p. 12-15, ago, 2002. Disponível em [http://www.preal.org/Archivos/Bajar.asp?Carpeta=Grupos%20de%20Trabajo\Profesi%F3n%20Docente\Remuneraciones%20docentes&Archivo=gertel\\_desantis\\_cristina.pdf](http://www.preal.org/Archivos/Bajar.asp?Carpeta=Grupos%20de%20Trabajo\Profesi%F3n%20Docente\Remuneraciones%20docentes&Archivo=gertel_desantis_cristina.pdf)>

GOUVEIA, A. J. **Professoras de amanhã**: um estudo de escolha ocupacional. Rio de Janeiro: GB. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Instituto de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura do Brasil, 1965.

GUARINO, C. M.; SANTIBAÑEZ, L; DALEY, G. A. Teacher recruitment and retention: a review of the recent empirical literature. **Review of educational research**, Washington, DC, v.76, n.2, p. 173-208, 2006.

HANUSHEK, E. A.; PACES, R. R. Who Chooses to teach (and why)? **Economics of educational review**. v. 14 , n. 2, p. 101-117, 1995.

HANUSHEK, E.; RIVKIN, S. G. Pay, working, and teacher quality. **The Future of children**. Princeton, v. 17, n. 1, p. 69-86, 2007.

HAWK, P. A Comparison of education and non-education majors in general college courses. **Annual meeting of the American association of colleges for teacher education**, Washington D.C., p. 2-26, 1999. Encontrado em: <http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED428071.pdf>. Acesso em janeiro de 2009.

LOPES, V. V. **Egressos do Cefam**: representações da formação inicial e da prática docente. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, 2000.

LOUZANO, P. et al. Quem quer ser professor? Atratividade, seleção e formação docente no Brasil. **Estudos em avaliação educacional**, São Paulo, n. 47, p. 543-568, 2010.

MCKINSEY & COMPANY. **How the world's best performing school systems come out on top**, 2007. Encontrado em: [http://www.mckinsey.com/client-service/social-sector/resources/pdf/Worlds\\_School\\_Systems\\_Final.pdf](http://www.mckinsey.com/client-service/social-sector/resources/pdf/Worlds_School_Systems_Final.pdf)>. Acesso em junho de 2010.

MORDUCHOWICZ, A. La oferta, la demanda y el salario docente. Modelo para armar. **Documentos**. Santiago, Chile: Programa de promoción de la reforma educativa em América Latina y el Caribe (PREAL), 2009. Encontrado em: [http://www.preal.org/BibliotecaN.asp?Id\\_Carpeta=64&Camino=63|Preal Publicaciones/64|PREAL Documentos](http://www.preal.org/BibliotecaN.asp?Id_Carpeta=64&Camino=63|Preal Publicaciones/64|PREAL Documentos). Acesso em 10/02/2011.

NOGUEIRA, C.M.M. **Dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares**: o processo de escolha do curso superior. Tese de doutorado – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

ORGANIZACAO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONOMICOS (OCDE). **Professores são importantes**: atraindo, desenvolvendo e retendo professores eficazes. São Paulo: Moderna, 2006.

PEREIRA, L. **O Magistério primário na sociedade de classe**: estudo de uma ocupação em São Paulo. São Paulo: Pioneira, 1969.

RISTOFF, D. **A Educação em guerra**. Conferência Nacional de Educação Básica. Brasília, abril de 2008. Encontrado em: [portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/.../dilvo\\_ristoff.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/.../dilvo_ristoff.pdf)

TARDIF, M.; LESSARD, C. **Trabalho docente**: elementos para a teoria da docência como profissão de interações humanas. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VEGAS, E.; UMANSKY, I.; **Improving teaching and learning through effective incentives**: what can we learn from education reforms in Latin American? The World Bank, 2005. Encontrado em: [http://wbln0018.worldbank.org/LAC/LACInfoClient.nsf/0/edcb15baca309ea285257006004b7ca8/\\$FILE/Improving%20teaching%20and%20learning\\_Final.pdf](http://wbln0018.worldbank.org/LAC/LACInfoClient.nsf/0/edcb15baca309ea285257006004b7ca8/$FILE/Improving%20teaching%20and%20learning_Final.pdf). Acesso em 2 de julho de 2008.

VICENTINI, P.P.; LUGLI, R.G. **História da profissão docente no Brasil**: representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.